

OS TRÊS CAÇADORES E OS MISTÉRIOS DA MATA NARRATIVA DA TRADIÇÃO ORAL DO POVO CUJUBIM

Valdir Vegini (USP/UFSC)

vvegini@gmail.com

Rebecca Louize Vegini (UNIR)

rebeccaamor@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos que emergem de uma narrativa oral da cultura do povo indígena kujubim de Rondônia, principalmente aqueles relacionados à memória (individual e coletiva), à identidade, à cultura e à natureza da narrativa como genuína manifestação do pensamento narrativo. A história foi coletada em trabalho de campo realizado na cidade de Costa Marques onde a etnia kujubim estava reunida e analisada à luz de autores com trabalhos consagrados na área da narratologia, memória, identidade e cultura. Do cotejamento entre a teoria e *corpus* de análise chegou-se a algumas conclusões e/ou considerações: a) a história é um modelo exemplar de cognição mental narrativa, apresenta "verossimilhança", não mostra compromisso formal com a verdade e os eventos apresentados oscilam entre o bem e o mal, entre o lógico e o ilógico, sem nem sempre dar certo, ou dar certo quando menos se espera, como, afinal, a vida é; b) ela contém aspectos mnemônicos, individuais e coletivos, revela a identidade e a cultura de seu narrador e de seu grupo étnico e a personagem protagonista da história, identificada como o "Pai da Mata", desempenha seu papel de extremado defensor da fauna e flora. Assumindo forma humana, sua ação vai além de um defensor da floresta e presenteia o leitor com uma apreciável lição de humanidade onde não faltam compaixão, cuidado, perdão e solidariedade.

Palavras-chave: Povo kujubim. Memória. Identidade. Tradição oral.

1. Introdução: contexto, objeto e objetivo

Em julho de 2013, o primeiro autor deste artigo recebeu da Coordenação Regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Ji-Paraná (RO) o convite para participar de uma viagem de trabalho a se realizar entre os dias 10 a 23 de dezembro daquele ano, cabendo-lhe a missão de realizar um levantamento linguístico e cultural – para fins de identificação e resgate – das línguas maternas dos povos migueleno (falantes da língua wainiam), puruborá (falantes da língua de mesmo nome) e kujubim (outrora falantes da língua kujubim) e de sua cultura. Fizeram parte daquela viagem de trabalho, entre outros funcionários da FUNAI de Ji-Paraná, o Sr. Tennesson Gonçalves de Oliveira (coordenador técnico) e Cleide Braz Bezerra Rocha de Albuquerque (do setor de promoção e cidadania). O levantamento linguístico e as considerações pertinentes às línguas desses três povos da Amazônia Rondoniense foram objeto do artigo "Wainiam, Puruborá e Kujubim/Kutruye: Povo, Cultura e Tradição (Um Relato Experiencial)" que o primeiro autor deste artigo concluiu recentemente e que se encontra publicado na revista *Sustentabilidade Organizacional* (2016); já o levantamento do acervo cultural desses três grupos étnicos diferentes, coletado em gravação pelo primeiro autor em seu trabalho de campo, foi transcrito para o português-brasileiro padrão escrito pela segunda autora foram também transformados em artigos científicos e encaminhados para publicação para a *Revista Igarapé* (UNIR), para a revista *Sustentabilidade Organizacional*, Porto Velho (RO) e para a *Revista Exitus* (UFOPA).

Neste artigo, o objeto de observação é uma das narrativas ancestrais do povo kujubim de Rondônia coletada pelo primeiro autor deste artigo em trabalho de campo e intitulada pelo seu enunciador-narrador como "Os Três Caçadores". Após o trabalho de transcrição realizado pela segunda autora deste artigo, a história foi adaptada para o padrão escrito da

língua portuguesa e rebatizada por nós como "Os Três Caçadores e os Mistérios da Mata" (seção 4). Com base nessa nova versão, estabelecemos como objetivo deste trabalho analisar alguns aspectos que emergem dessa narrativa da cultura cujibiniana, principalmente aqueles relacionados à memória (individual e coletiva), à identidade, à cultura e à natureza da narrativa como genuína manifestação do pensamento narrativo.

Para dar conta desses objetivos, organizamos o artigo em cinco seções. Na seção 1, apresentaremos alguns "dados etnográficos" relativos ao povo cujubim; na seção 2, a teoria que versa sobre os "dois modos de funcionamento cognitivo", com ênfase no pensamento narrativo; na seção 3, a teoria (condensada), que trata da memória, identidade e cultura; na seção 4, a íntegra da narrativa "Os Três Caçadores e os Mistérios da Mata"; na seção 5, a análise da narrativa cujibiniana com base na teoria apresentada nas seções 2 e 3; por último, como fecho do artigo, as Considerações Finais.

2. *Dados etnográficos do povo cujubim*

Segundo dados etnográficos divulgados pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI, p. 32), a história do povo cujubim teve início com seus

primeiros contatos com a sociedade não indígena no século XVIII, quando havia uma acirrada disputa entre espanhóis e portugueses pela posse das terras do vale do Guaporé, durante o período da construção do Forte Príncipe da Beira¹, que provocou a vinda de imigrantes,

¹ O Real Forte Príncipe da Beira, também referido como Fortaleza do Príncipe da Beira, localiza-se na margem direita do rio Guaporé, atual município de Costa Marques, no estado de Rondônia, no Brasil. Em posição dominante na fronteira com a Bolívia, esta fortaleza é considerada a maior edificação militar portuguesa construída fora da Europa no Brasil Colonial, fruto da política pombalina de limites com a co-

entre os quais muitos escravos afrodescendentes, "para essas terras hoje pertencentes ao estado de Rondônia". De acordo com o CIMI (p. 232),

naquela época diversos povos indígenas foram recrutados e escravizados como mão de obra, porém muitos morriam devido às lutas para se libertarem ou por serem acometidos de doenças. Depois disso, por um longo período não se ouviu mais falar do povo kujubim.

A partir do final do século XVIII, quando a presença portuguesa na região já estava consolidada, a fortaleza "Forte Príncipe da Beira" perdeu sua importância estratégica e foi praticamente abandonada. Augusto Fausto de Sousa (1985) afirma que, em 1864, "a praça estava guarnecida por dez soldados, dos quais efetivamente três em serviço; os demais estavam destacados no Presídio das Pedras e no da foz do rio Itomanas", um rio boliviano, afluente do rio Itenez, que forma parte do curso alto do rio Mamoré (Cf. ITOMANAS). Segundo o CIMI (p. 32), em 1945, quando o Marechal Rondon transformou as ruínas do "Forte Príncipe da Beira" em quartel militar,

a população que ali encontrou era majoritariamente indígena e quilombola, sendo reconhecida como comunidade remanescente de quilombos, apesar de não ter sido iniciada ainda a demarcação de seu território.

A "Vila de Conceição, situada nas imediações, foi extinta pela pressão dos comandantes do quartel". (CIMI, p. 32)

Notícias sobre os kujubins surgiram novamente um pouco antes do segundo ciclo da borracha [1942-1945], quando o estado de Rondônia ainda era o território federal do Guaporé [1943-1955]. Segundo do CIMI (p. 32-3),

roa espanhola na América do Sul, definida pelos tratados firmados entre as duas coroas entre 1750 e 1777. (Cf. FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA)

o contato permanente do povo kujubim com os seringueiros, que invadiram suas terras em busca do ouro branco, ocorreu de forma violenta no ano de 1940, quando eles ainda habitavam o baixo rio Cautário.

Após esse contato, "eles foram levados para as partes altas do rio Cautário, onde foram submetidos ao trabalho semi-escravo para o corte da seringa". Nesse período, o povo kujubim foi quase "todo dizimado pelo sarampo, sem receber nenhuma assistência dos seringalistas. Mais tarde, os sobreviventes saíram do seringal em busca de um lugar melhor para morar." Segundo o CIMI (p. 32-33),

Estiveram em vários lugares no baixo Cautário, por último, na beira do rio Guaporé/Porto Acre, município de Costa Marques, bem como na Baía das Onças e em Ricardo Franco, Terra Indígena Guaporé.

Por conta desse panorama, os remanescentes passaram a conviver "com outros grupos de cultura bem diferente", resultando em "muitos casamentos interétnicos entre eles e os canoés, djeromitxis e quilombolas" (CIMI, p. 32). De fato, os semblantes da maioria dos kujubins presentes na Assembleia do Povo Kujubim realizada no salão paroquial da Igreja Católica de Costa Marques, no final de 2013, não deixaram dúvidas em relação a miscigenação desse povo indígena com os quilombolas, sobretudo.

Quanto à denominação, também de acordo CIMI (p. 32-3), os remanescentes do povo indígena kujubim se autodenominam Cau'tajo (Cautário). Ainda, durante a assembleia de dezembro de 2013, os indígenas ali presentes decidiram, por unanimidade, substituí-la por "cutruie", nome, segundo Francimar M. da Silva Kujubim (mais conhecida como Mocinha), de um pássaro que habita(va) as terras ancestrais de seu povo, conforme lhe contou sua avó Francisca, mãe de Vitor, Manduca, Doca, Leno e Inácia, e que, presentemente, ainda é encontrado nessas mesmas terras, que agora os kujubins desejam recuperar através da "Associação Indígena do Povo Kujubim"

(AIPoK) criada nessa mesma data. (FUNAI – Assembleia do Povo Kujubim). Os objetivos dessa associação são ambiciosos e claros: "fortalecer a organização do povo e a luta pela retomada do território tradicional." (FUNAI – Ata da Assembleia do Povo Kujubim, Costa Marques, 13 de dezembro de 2013; CIMI, p. 33). É um imperativo que se autoimpõem em respeito à "memória da história cultural do seu povo" e em memória à matriarca Francisca kujubim (falecida em 2012), que em novembro de 1998 assim se expressou sobre a diáspora por que passava (e passa) seu povo:

Onde meus filhos vão, eu vou. Aqui (em Ricardo Franco) estou sozinha. Eu quero procurar um canto para morar com os meus filhos. Cansei de andar com o pai de meus filhos. Moramos em Ouro Fino, em Costa Marques, abaixo de Porto Acre (rio Guaporé), e depois na Baía das Onças, onde um irmão meu morreu afogado. (CIMI, p. 33)

Externamente, o nome kujubim (palavra de origem tupi para designar o pássaro cutruie na língua dos kujubins), é largamente utilizado pelos não indígenas para designar o povo agora internamente denominado cutruie e será mantido já que registros documentais oficiais assim se referem a essa etnia como, por exemplo, no site da socioambiental *KUJUBIM* e o programa “bolsa família” do Governo Federal.

Linguisticamente, o grupo étnico kujubim pertence à família txapacura (RODRIGUES, 1986, p. 76 e 81; *KUJUBIM*)² e, como mostraram os dados etnográficos acima, é mais um povo indígena que possuía território, costumes e língua próprios e que, como tantos outros, "foi expulso de seu território tradicional, localizado nas duas margens do rio Cautário, município de Costa Marques, atualmente ocupado por fazendas e pela Reserva Extrativista do Rio Cautário" (CIMI).

² Faziam parte da família txapacura línguas como: kujubim, uari, orouin, moré/ítenes, torá, urupá uanham, cumana e cuiuna.

Passados quase vinte anos, o grito proferido pela matriarca Francisca Kujubim continua silenciado e o povo kujubim, ou o povo cutruie, para eles, permanece diaspórico de suas terras ancestrais em consequência da ganância e da indiferença dos não indígenas. Atualmente, cerca de 140 kujubins (SIA-SI/SESAI, 2014) vivem dispersos por diversos municípios ou localidades de Rondônia: Terra Indígena Guaporé e Sagarana, Forte Príncipe da Beira, Costa Marques, Seringueiras, Gujará-Mirim, Candeias do Jamari e Porto Velho.

3. *Modos de funcionamento cognitivo*

Existem, afirma Jerome Seymour Bruner, "dois modos de funcionamento cognitivo, cada um fornecendo diferentes modos de ordenamento de experiência, de construção de realidade" e são irreduzíveis entre si. A um, Jerome Seymour Bruner chama de pensamento paradigmático; ao outro, narrativo. Cada uma dessas formas de conhecimento tem "princípios operativos próprios e seus próprios critérios de boa formação" e "diferem radicalmente em seus procedimentos de verificação." Podemos convencer o outro tanto por meio de uma "boa história", organizada pelo pensamento narrativo, como por um "argumento bem formado", organizado pelo pensamento paradigmático; no entanto, explica Jerome Seymour Bruner, "do que eles convencem é bem diferente: os argumentos convencem alguém de sua veracidade, as histórias de sua semelhança com a vida." Pelos argumentos, justifica Jerome Seymour Bruner, tencionamos demonstrar uma verdade "através de um possível apelo a procedimentos para estabelecer provas formais e empíricas"; por uma boa história, continua o autor, tentamos estabelecer "não a verdade, mas a verossimilhança.", ou seja, por essa forma de convencer alguém de alguma coisa nós procuramos mostrar ao nosso interlocutor a harmonia e a coerência entre os fatos relatados, sem compromisso, portanto, de estabelecer provas formais ou empíricas (BRUNER, 1997, p.

12). Os argumentos, insiste Jerome Seymour Bruner (p. 13), levam à busca de condições de verdades universais"; uma boa história, à busca de "condições particulares prováveis entre dois eventos" entre os quais um "pesar mortal, suicídio, traição".

Jerome Seymour Bruner (1997, p. 14), como vimos, chama o primeiro modo de funcionamento cognitivo de "paradigmático ou lógico-científico" porque, segundo ele, é o que se presta para "preencher o ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação". Por meio dessa forma de pensamento, afirma o autor, nós empregamos "a categorização ou a conceituação e as operações pelas quais as categorias são estabelecidas, instanciadas, idealizadas e relacionadas umas às outras para formar um sistema."; por meio desse tipo de pensamento nós utilizamos "procedimentos para assegurar a referência comprovável e testar a veracidade empírica." E acrescenta, em seguida:

Sua linguagem é regulada por necessidades de consistência e de não-contradição. Seu domínio é definido não apenas por elementos observáveis aos quais suas afirmações básicas se referem, mas também pelo conjunto de mundos possíveis que podem ser gerados logicamente e testados contra os elementos observáveis – ou seja, *é conduzido por hipóteses fundamentadas.* (BRUNER, 1997, p. 14)

O modo paradigmático "busca transcender o particular", esforçando-se cada vez mais para alcançar a "abstração, e no final renuncia, por princípio, a qualquer valor explicativo que diga respeito ao particular". (BRUNER, 1997, p. 14)

Ao outro modo de funcionamento cognitivo, que, como vimos, Jerome Seymour Bruner (1997, p. 14) chama de "pensamento narrativo", compete "a aplicação imaginativa [...] e conduz a histórias boas, dramas envolventes, relatos históricos críveis (embora não necessariamente 'verdadeiros)". Esse tipo de pensamento, justifica Jerome Seymour Bruner (1997, p. 14),

trata de ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam seu curso. Ele se esforça para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias da experiência e localizar a experiência no tempo e no espaço.

Para deixar ainda mais claras as funções díspares de cada um desses dois tipos de pensamento, Jerome Seymour Bruner (1997, p. 15) cita Ricoeur (1983) segundo o qual "a narrativa é construída sobre a preocupação com a condição humana", ou seja, "as histórias atingem desenlaces cômicos, tristes ou absurdos, enquanto os argumentos teóricos são simplesmente conclusivos ou inconclusivos".

Prosseguindo em sua explanação, Jerome Seymour Bruner (1997, p. 14-15) afirma que o "modo paradigmático de pensamento" recebeu ao longo dos últimos milênios muita atenção e alcançou enorme desenvolvimento; ao contrário disso, o modo narrativo de pensamento pouca atenção tem recebido de tal forma que, assegura, "sabemos bem pouco em qualquer sentido formal sobre como fazer boas histórias." Segundo ele, isso se deve provavelmente porque "a história tem que construir dois panoramas simultaneamente", ambos "essenciais e distintos":

Um é o *panorama da ação*, onde os constituintes são os argumentos da ação: agente, intenção e objetivo, situação, instrumento, algo que corresponde a uma "gramática da história". O outro é o *panorama da consciência*: o que os envolvidos na ação sabem, pensam ou sentem ou não sabem, não pensam ou não sentem. (BRUNER, 1997, p. 14-15)

Como exemplo clássico dessa diferença, Jerome Seymour Bruner lembra a personagem grega "Édipo partilhando a cama de Jocasta antes e depois de saber pelo mensageiro que ela é sua mãe". (BRUNER, 1997, p. 15)

Jerome Seymour Bruner lembra que a física teórica "também procede construindo mundos de um modo comparável, 'inventando' fatos (ou mundo) contra os quais a teoria deve ser testada." Ele até concorda com a exortação de Willard

Van Orman Quine (1978, *apud* BRUNER, 1997, p. 15) que afirma ser a física realmente constituída de "99% de especulação e 1% de observação". Talvez ele também concordaria com as três leis do homem e a tecnologia estabelecidas por Arthur Clarke, notadamente a terceira delas:

1. Quando um cientista distinto e experiente diz que algo é possível, é quase certeza que tem razão. Quando ele diz que algo é impossível, ele está muito provavelmente errado. 2. O único caminho para desvendar os limites do possível é aventurar-se um pouco além dele, adentrando o impossível. 3. Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia. (Leis de Arthur Clarke)

Todavia, alerta Jerome Seymour Bruner, a criação do mundo envolvido em especulações da física e/ou da tecnologia "é de uma ordem diferente da que a criação de histórias faz." A física, afirma Jerome Seymour Bruner (1997, p. 15), "deve acabar predizendo algo que é comprovadamente certo, não obstante o quanto ela possa especular." Já as histórias, conclui ele, "não têm necessidade de comprobabilidade" porque a "credibilidade de uma história é de ordem diversa da credibilidade mesmo das partes especulativas da física teórica".

As histórias ou as narrativas, reiteramos, tratam "das intenções humanas" e, por conta disso, "deveria haver incontáveis tipos de histórias". Surpreendentemente, afirma Jerome Seymour Bruner (1997, p. 17), não é isso que ocorre. Assim, por exemplo,

narrativas naturais começam com um estado estável e canônico ou "legitimado", que é rompido, resultando em uma crise, que é solucionada por uma compensação, sendo que a repetição do ciclo é uma possibilidade em aberto.

Existiria, então, se pergunta Jerome Seymour Bruner, uma "estrutura profunda limitadora na narrativa" e que boas histórias seriam "realizações especiais bem formadas" dessa mesma estrutura profunda limitadora? Segundo ele, "Victor Turner (um antropólogo), Tzvetan Todorov (um filósofo e lin-

guista), Hayden White (um historiador) e Vladimir Propp (um folclorista)" dizem que sim; "Barbara Herrnstein-Smith é uma voz dissidente notável". (BRUNER, 1997, p. 17)

De fato, continua a se perguntar Jerome Seymour Bruner (1997, p. 17-8), como explicar, de um lado, um inatismo limitador para uma história com tantas "erupções de inovações que iluminam o curso da história literária"? De outro lado, como igualmente explicar "por que há tanta semelhança reconhecível em contos de todos os países e tanta continuidade histórica dentro de qualquer língua"? Que "nível de interpretação de uma história deveremos tomar para representar sua 'estrutura profunda' – *litera, moralis, allegoria* ou *anagogia*?" E sua interpretação? A partir de quem? De "Jung, Foucault, Northop ou de Fryre"? E no caso dos romances anti-romances como o faz Calvino quando "explora as expectativas que seus leitores têm das histórias, zombando deles astuciosamente"? Isso seria visto "como violação ou conformidade à forma canônica"? E "a questão do discurso na qual a história é tecida e os dois aspectos da história, [...], o atemporal e o sequenciado. Qual é o restrito, e de que maneiras?"

Jerome Seymour Bruner (1997, p. 18) até concorda "haber uma estrutura nas antigas histórias populares ou mitos", mas volta a se perguntar: "essas narrativas fornecem uma estrutura universal para todas as ficções?"

Por fim, depois de tantos questionamentos sem respostas conclusivas, Jerome Seymour Bruner (1997, p. 18) propõe uma "definição tão livre de restrições quanto possível em relação àquilo que uma história deve 'ser para ser uma história'", aquela mesma que ele havia sugerido inicialmente quando discorria acerca do "modo de funcionamento cognitivo" chamado "pensamento narrativo" (BRUNER, 1997, p. 14): uma história ou uma narrativa "trata de ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam seu curso.", ou simplesmente, uma narrativa "trata das vi-

cissitudes da intenção" (BRUNER, 1997, p. 18). Em outros termos, toda narrativa bem formada precisa conter eventos sucessivos e/ou sequenciais, casuais, imprevisíveis e instáveis, que estão, frequente e conseqüentemente, fora do controle consciente e/ou das intenções, dos planos ou dos propósitos de suas personagens enquanto protagonistas ou antagonistas dos fatos relatados porque, como se diz popularmente, "assim é a vida".

Segundo Jerome Seymour Bruner (1997, p. 18), essa definição permite "não apenas [...] uma certa flexibilidade ao teórico, mas [...] uma 'primitividade' que é atraente" na medida em que cria "um argumento contundente a favor da natureza irreduzível do conceito intenção", um verdadeiro móvel da ação que se tem em vista, que tende para um objeto e lhe dá um sentido. A intenção numa narrativa, nas palavras de Jerome Seymour Bruner, "é imediata e intuitivamente reconhecível", ou seja, ela não requer "para seu reconhecimento nenhum ato interpretativo complexo ou sofisticado por parte de quem a presencia".

Jerome Seymour Bruner (1997, p. 18-22) continua a especular a partir daqui a respeito do conceito da intencionalidade, que ele imagina ser tão primitivo quanto o da "causalidade". Contudo, para os objetivos deste artigo o que até aqui está posto é o que basta para nossas pretensões.

4. Memória, identidade, cultura e narrativa

A memória é um fenômeno comum a todos os seres vivos, que se tornou, por razões evolutivas, altamente complexa na espécie humana. Definida de forma elementar, a memória é a aptidão que os seres humanos têm de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto a eles estiver associado; também pode ser definida, em termos gerais e globais, como a capacidade que designa as possibilidades, as con-

dições e os limites da fixação da experiência, retenção, reconhecimento e evocação (HALBWACHS, 2006). Waldemar Ferreira Netto (2008, p. 16-18), na introdução de seu livro *Tradição Oral e Produção de Narrativas*, define memória como

um fenômeno cognitivo do ser humano, muito provavelmente correlata a fenômenos fisiológicos que recebem nome semelhante, cuja propriedade mais específica é atuar como elemento formador da identidade pessoal e coletiva.

E acrescenta: "entendemos que a memória que vai descrita aqui é um fenômeno de natureza cultural adquirido no correr do desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos e de suas sociedades". Nesse sentido, continua esse autor,

Por se tratar de uma instituição social, a memória tem uma função própria dentro da sociedade que se diferencia entre as sociedades; e por se tratar de uma capacidade diretamente correlacionada à fisiologia do ser humano, ela é um fenômeno universal que se reproduz necessariamente em todas as sociedades.

Dando sequência a seu raciocínio em relação à "memória", Waldemar Ferreira Netto afirma que "dentre as características mais notáveis da memória, está o fato de poder ser recuperada a partir de estímulos externos incidentes no corpo de seu portador." Nesse ponto, ele apresenta dois tipos diferentes de memória: a explícita e a implícita. A primeira, afirma, envolve a lembrança consciente de episódios passados, recuperados intencionalmente; a segunda, envolve a influência de episódios passados no comportamento atual sem recuperação intencional e, algumas vezes, inconscientemente. Isso implica em dizer que tanto o indivíduo quanto os outros membros de uma dada comunidade ou sociedade têm poder sobre a sua memória e que, se a memória pode ser manipulada de fora, a própria identidade passa a ser um fenômeno que se desenvolve na sociedade. Nesse sentido, pode-se dizer que a identidade de uma pessoa é, na realidade, um mosaico construído socialmente, em cuja superfície emergem facetas embutidas advindas da

memória explícita e implícita. E se a identidade é uma construção social, então, tanto ela quanto a memória só podem existir dentro de uma cultura, que, por definição, é aquilo que aprendemos socialmente ou, em termos mais complexos, é o conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social de outro. É nesse sentido o que escreve Waldemar Ferreira Netto acerca das diferenças na manipulação da memória entre indivíduos e entre as sociedades. Segundo ele, essas diferenças "estão diretamente relacionadas à história [cultural] de cada um deles, pois são estratégias que se desenvolveram no correr do tempo, de acordo com as experiências e necessidade de cada um." Todavia, como a memória é um fenômeno cognitivo, ela tem a restrição, segundo Waldemar Ferreira Netto, "de apenas se tornar pública nas suas manifestações físicas na forma das linguagens disponíveis para isso" dentre as quais "a língua é uma das que melhor propicia a sua exteriorização." A par disso, seja no contexto de uma comunidade³ de tradição oral, ou mesmo nas suas formas remanescentes no interior de uma sociedade (Leis de Arthur Clarke) de tradição escrita, uma das possibilidades estratégicas mais comuns e eficazes de manipulação institucional de comportamentos são as narrativas orais que são transmitidas "entre todos os membros e entre as gerações de um mesmo grupo [cultural]." Elas são – conclui Waldemar Ferreira Netto – ao mesmo tempo "fenômenos típicos tanto da memória implícita quanto da explícita" e estão nelas sempre disponíveis bastando para isso algum estímulo externo ou forma que desencadeie "a sua lembrança automaticamente." Essa forma de documentação de eventos na memória individual é um dos meios institucionalizados próprios das comunidades e/ou sociedades para garantirem a sua identidade e a sua permanência. Além disso, essas narrativas orais transmitidas

³ Ernest Gellner (1992) estabelece uma diferença crucial entre a noção de "comunidade" (período pré-industrial) e "sociedade" (período pós-industrial) e as consequências disso na cognição humana.

de geração em geração dão aos indivíduos de um grupo social o sentido de pertença ou de pertencimento e é na proporção de suas manutenções que vão permanecer coesos culturalmente. É o que Waldemar Ferreira Netto vai chamar de "rede", isto é,

a manutenção de um fato institucional memorizado total ou parcialmente por todos os indivíduos, que pertencem ao mesmo grupo. Suas memórias individuais, tomadas coletivamente, formam a rede de conhecimentos que sustenta a identidade do próprio grupo.

E o meio utilizado pelas comunidades de tradição oral para criar essa rede é a oralidade na forma de narrativas, valendo-se das memórias individual e coletiva (HALBWACHS, 2006); das sociedades de tradição escrita são os documentos permanentes, sejam eles por meio de narrativas escritas ou não, estabelecendo o que se chama de memória histórica.

5. *Os três caçadores e os mistérios da mata*

Três caçadores, saíram pro mato. Andaram, andaram na mata. Aí um caçador falou pro outro:

– Bora! Bora pegar um porco?

– Bora! – disse o primeiro caçador, imediatamente.

– Então pega a embira⁴ aí, coloca nas costas pra nós ir(mos) atrás do porco – falou o primeiro caçador para o terceiro.

E saíram todos os três atrás de queixada. Andaram, andaram, andaram. Mais à frente, os três tiveram vontade de fazer um cigarro. Sentaram num pau, que ficava fora da terra, suspenso da terra. Sentaram os três no pau e o primeiro caçador começou a fazer um cigarro. Como só tinha um saquinho de tabaco forte, um foi passando pro outro ...

– Rapaz, eu já fiz o meu – disse o primeiro.

– Eu também – emendou o segundo.

⁴ Embira: árvores e arbustos dos quais se extraem as fibras da parte interna para a confecção de cordas e estopa.

– Passa aí o fumo que eu quero terminar o meu! – falou o terceiro.

Mal esse último caçador tinha começado a fazer o seu cigarro, olhando para o lado, viu uma outra pessoa junto deles. Sem entender, cutucou o primeiro caçador, deu-lhe um sinal e falou:

– Rapaz, ué, ... rapaz, olha aí! Nós somos só três caçadores e agora apareceu mais um aqui. Agora nós somos quatro?!

Balançando a cabeça positivamente, o primeiro mostrou que também estava vendo e, sussurrando, falou no ouvido de segundo:

– É o seguinte, já que nosso companheiro está terminando de fazer o cigarro, eu vou acender daqui pra lá. Eu vou acender primeiro o meu cigarro; depois passo o isqueiro pra você acender o seu até chegar no dele.

– Está bem – disse o segundo.

– E apronta aí a espingarda porque você vai dar um tiro no desconhecido – ordenou-lhe o primeiro.

Como sempre acontece, era um corajoso encorajando outro.

Quando o terceiro terminou de fazer o cigarro, o primeiro acendeu e passou o isqueiro pro segundo, que fez a mesma coisa e passou pro terceiro. Em seguida, o primeiro cutucou o segundo, que cutucou o terceiro, indicando que a hora estava quase chegando.

Mas, nessa hora, o sujeito desconhecido falou assim:

– Eu também quero um cigarro.

– Tá bom! – disse o terceiro.

E pegando o tabaco, começou a fazer o cigarro do mesmo jeito, mas sem olhar nos olhos do desconhecido porque, como os outros dois caçadores, estava morrendo de medo.

– Pega aí o isqueiro também – acrescentou o primeiro.

Então o terceiro pegou o isqueiro e, voltando-se para o primeiro, perguntou baixinho:

– Rapaz, isso aí não está certo, não, o que é isso, quem é esse sujeito aí?

– Rapaz, não sei não, mas a gente vai dar um jeito nele aqui na bala, insistiu o primeiro.

E olhando para o segundo, falou baixinho:

– Quando nosso companheiro for acender o cigarro do desconhecido, eu vou te falar "Fogo"! Aí você mete bala nele.

– Tá bom! – disse o segundo.

Logo em seguida, o desconhecido, meio espantado com todo aquele cochicho, colocou o cigarro na boca.

Morrendo de medo, o segundo caçador ficou preparando a espingarda e o terceiro enrolando demais para acender o cigarro do desconhecido.

Sussurrando nos ouvidos do primeiro, o terceiro, morrendo de medo, suplicou:

– Agora que ele também tem cigarro, não está na hora de nós ir(mos) embora?

O desconhecido, muito menor que os três caçadores, mas de voz grossa, implorou:

– Rapaz, eu quero fogo também!

Imediatamente, o primeiro gritou:

– Mete fogo nele!

Levantando-se armado e apressado, o segundo gritou:

– Lá vai fogo!!! Tammmmmmm!!!!

Tudo ao redor ficou preto de fumaça.

– Rapaz, você matou? Será que você matou? Será? – perguntou desesperado o terceiro.

– Sei não, só sei que dei um tiro nele!!! – sentenciou o segundo.

– Agora vamos ver o que aconteceu – disseram quase que ao mesmo tempo os três caçadores corajosos!

Esparramaram a fumaça com as mãos e chegaram no ouvido do desconhecido e Tummmmmmm!!!! Atiraram por cima. E novamente tudo ficou coberto pela fumaça, tudo. Deixaram clarear, e a fumaça foi limpando, limpou tudo!

– Cadê o desconhecido? – perguntou o terceiro.

– Rapaz, eu não sei, não! – disse o segundo.

– Sumiu! – falou o primeiro – Vamos embora!

Foram correndo, mas quanto mais corriam, mais medo dava neles... correram até começarem a esmorecer, a ficar sem forças.

– Rapaz, rapaz!!! – gritavam um para o outro.

– Não sei não... não sei o que está acontecendo comigo – gritou desesperado o primeiro.

Não teve jeito, não. O segundo e o terceiro tiveram que carregar o amigo nas costas e deram no pé. E quando já estavam bem longe, ouviram o grito do desconhecido:

– Rapaz, me esperem aí. Aonde vocês estão indo? Esperem por mim, esperem por mim!

Os dois corajosos jogaram tudo que estavam carregando e correram até não escutarem mais o grito. E sempre correndo, chegaram em casa.

Ao redor dos dois caçadores reuniu-se toda a vizinhança curiosa para saber o que tinha acontecido.

– Rapaz – relatou o terceiro – a gente estava lá dentro do mato e eu não sei o que aconteceu porque nós éramos somente três, mas apareceu uma quarta pessoa. Nós atiramos nele e depois fugimos. Aí o desconhecido, não sei como, começou a gritar para a gente esperar ele. Desesperados, largamos tudo e corremos como loucos, deixando nosso companheiro no meio do caminho porque ele estava sem forças e não conseguia correr mais. Ele deve estar ainda no mato, talvez junto com o desconhecido.

Comovidos com a situação por que passava o primeiro caçador, muita gente que estava ali ouvindo os dois caçadores resolveu juntar um monte de jegues e, junto com os caçadores, voltaram pro mato.

– Rapaz – disse o terceiro – vamos ver o que aconteceu com ele. Temos que trazer o nosso companheiro de volta. Ele não pode ficar lá na mata, não.

Chegando no local onde tinham deixado o amigo, viram que ele não estava mais lá, viram que o companheiro de caça deles já

não estava mais no lugar onde tinham deixado. Então resolveram gritar:

– Eiiiiiiiiiiiiiii!

– Estou aqui! – respondeu o companheiro perdido.

– Rapaz – disseram ao mesmo tempo o primeiro e o segundo caçador – vamos pra lá, vamos embora.

Quando chegaram no local, o amigo já estava em outro canto.

– Eiii! Puxa vida... e agora hem! – falou o segundo, desanimado.

– Acho que o desconhecido carregou nosso amigo lá pra casa dele – imaginou o terceiro.

Voltaram.

– Rapaz, – disse o segundo – não está aqui, não está aqui, não. E agora? O que vamos fazer?

– Rapaz, – vamos procurar uma pessoa que entende de alguma coisa, duma reza, duma oração, uma coisa assim, para descobrirmos onde nosso companheiro está – falou o terceiro.

– Não tenho certeza, mas acho que ele não está morto, não, – disse um dos que foram ajudar os dois caçadores a encontrar o caçador perdido.

– Mas ele não está no meio do caminho, não está lá onde nós deixamos – garantiu o terceiro.

– Rapaz, sei não, mas eu acho que nosso amigo foi levado pelo desconhecido lá pra outro canto – falou um outro que estava ajudando os dois caçadores.

Então resolveram procurar o caçador perdido por todo canto. Por fim, já conformados com o desaparecimento do companheiro, resolveram voltar pra casa. Quando chegaram, encontraram o amigo de caçada deitado em sua cama.

– O que aconteceu, rapaz – indagou o segundo, todo espantado.

– Naquela hora que vocês me deixaram na mata, apareceu um homem lá, um homem, ele me colocou nas costas e me trouxe até aqui. E eu não tive reação de nada.

– Você não teve medo, não? – perguntou o terceiro um tanto arrependido e envergonhado.

– Não, não me deu medo, não. Eu estava com as carnes todas moles assim. Eu não podia ficar em pé. Ele me colocava em pé e eu caía de novo. Só que ele não falava comigo. Mas aí ele foi e falou, só uma palavra que ele falou:

– "Você não aguenta sair da mata?"

– Ele assim, sem... sem conseguir falar direito né! A língua dele pesou, tudo ficou assim e ele falou de novo:

– "Como você não consegue sair da mata, eu vou te levar."

E acrescentou:

– "Eu, eu faço a bondade para as pessoas, mas olhe, mas só que eu não gosto que os homens ficam maltratando meus animais. Eu gosto que eles vêm pro mato, que cacem, matem e comam. Não gosto que só atirem, sem precisão!"

Aí me botou nas costas e óh (sinal correndo), e caminhando me trouxe até aqui pra casa. E em seguida, ele foi embora.

6. A análise

6.1. Aspectos cognitivos do pensamento narrativo

Desnecessário seria dizermos que a história contida na seção 4 ("Os Três Caçadores e os Mistérios da Mata") é um modelo exemplar de cognição mental narrativa. Temos demasiadas razões para classificá-la dessa forma. Sua audição, como ocorreu no salão da Igreja Católica de Costa Marques no final de 2013, ou a quem se dedicar a lê-la a partir da publicação deste artigo, dificilmente deixará de avaliar essa narrativa como uma "boa-história" e de identificá-la como "verossímilante", ou seja, "semelhante com a vida" (BRUNER, 1997). A título de exemplo, segue abaixo um trecho da narrativa cubiniana apresentada na seção 3.

Três caçadores, saíram pro mato. Andaram, andaram na mata." [...] E saíram todos os três atrás de queixada. Andaram, an-

daram, andaram. Mais à frente, os três tiveram vontade de fazer um cigarro. Sentaram num pau, que ficava fora da terra, suspenso da terra. Sentaram os três no pau e o primeiro caçador começou a fazer um cigarro. Como só tinha um saquinho de tabaco forte, um foi passando pro outro ... (l. 1, 7-11)

A par disso, em nenhum momento da narrativa vamos encontrar a palavra "verdade" ou qualquer intenção de seu narrador em demonstrar alguma verdade, nem de estabelecer provas formais empíricas para se chegar a uma possível verdade em relação àquilo que está narrando. Por conta disso, a história contada pelo informante cujubim nada tem a ver com o pensamento paradigmático de que fala Jerome Seymour Bruner; ao contrário, ela é totalmente fruto genuíno do pensamento narrativo, isto é, ela é toda perpassada pela estratégia cognitiva narrativa, a que faz com que o seu narrador busque o tempo todo apresentar nexos, harmonia e coerência entre as ideias e as "condições prováveis entre os eventos" (BRUNER, 1997). Assim, pouco lhe importa se seu relato é verdadeiro, ou não, se a história que está narrando é ou será considerada como uma verdade. Esse tipo de cognição, como nos ensina Jerome Seymour Bruner (1997, p. 14 e 18), trata de "ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam o seu curso" ou, simplesmente, "das vicissitudes da intenção". De fato, no decurso todo do relato, a imprevisibilidade, a eventualidade e o acaso, com seus vícios e suas virtudes se digladiando o tempo todo, vão se descortinando no palco da vida onde coexistem, de um lado, a astúcia, a dissimulação, o disfarce, a violência, o ódio, o medo, o desespero, a dúvida, a insegurança; e, de outro, o companheirismo, a compaixão, o perdão, a segurança, a certeza e a solidariedade.

Os trechos selecionados abaixo vão apresentar esse panorama paradoxal, entre o bem e o mal, entre o lógico e o ilógico, sem nem sempre dar certo, ou dar certo quando menos se espera, como, afinal, a vida é.

– Rapaz, ué, ... rapaz, olha aí! Nós somos só três caçadores e agora apareceu mais um aqui. Agora nós somos quatro?!

Balançando a cabeça positivamente, o primeiro mostrou que também estava vendo e, sussurrando, falou no ouvido de segundo:

– É o seguinte, já que nosso companheiro está terminando de fazer o cigarro, eu vou acender daqui pra lá. Eu vou acender primeiro o meu cigarro; depois passo o isqueiro pra você acender o seu até chegar no dele. (l. 18-25)

Quando o terceiro terminou de fazer o cigarro, o primeiro acendeu e passou o isqueiro pro segundo, que fez a mesma coisa e passou pro terceiro. Em seguida, o primeiro cutucou o segundo, que cutucou o terceiro, indicando que a hora estava quase chegando. (l. 30-33)

Então o terceiro pegou o isqueiro e, voltando-se para o primeiro, perguntou baixinho:

– Rapaz, isso aí não está certo, não, o que é isso, quem é esse sujeito aí?

– Rapaz, não sei não, mas a gente vai dar um jeito nele aqui na bala, insistiu o primeiro.

E olhando para o segundo, falou baixinho:

– Quando nosso companheiro for acender o cigarro do desconhecido, eu vou te falar "Fogo"! Aí você mete bala nele. (l. 41-48)

Sussurrando nos ouvidos do primeiro, o terceiro, morrendo de medo, suplicou:

– Agora que ele também tem cigarro, não está na hora de nós ir(mos) embora? (l. 55-56)

Imediatamente, o primeiro gritou:

– Mete fogo nele!

Levantando-se armado e apressado, o segundo gritou:

– Lá vai fogo!!! Tammmmmmm!!!!

Tudo ao redor ficou preto de fumaça.

– Rapaz, você matou? Será que você matou? Será? – perguntou desesperado o terceiro.

– Sei não, só sei que dei um tiro nele!!! – sentenciou o segundo. (l. 60-67)

– Rapaz, rapaz!!! gritavam um para o outro.

Não sei não... não sei o que está acontecendo comigo, gritou desesperado o primeiro. (l. 79-81)

Comovidos com a situação por que passava o primeiro caçador, muita gente que estava ali ouvindo os dois caçadores resolveu juntar um monte de jegues e, junto com os caçadores, voltaram pro mato.

– Rapaz – disse o terceiro – vamos ver o que aconteceu com ele. Temos que trazer o nosso 1. Ele não pode ficar lá na mata, não. (l. 98-102)

Naquela hora que vocês me deixaram na mata, apareceu um homem lá, um homem, ele me colocou nas costas e me trouxe até aqui. E eu não tive reação de nada. (l. 131-133)

– "Como você não consegue sair da mata, eu vou te levar."

E acrescentou:

– "Eu, eu faço a bondade para as pessoas, mas olhe, mas só que eu não gosto que os homens ficam maltratando meus animais. Eu gosto que eles vêm pro mato, que cacem, matem e comam. Não gosto que só atirem, sem precisão!"

Aí me botou nas costas e óh (sinal correndo), e caminhando me trouxe até aqui pra casa. E em seguida, ele foi embora. (143-149)

6.2. Aspectos mnemônicos, identitários e culturais

No contexto de uma comunidade de tradição oral, ou mesmo nas suas formas remanescentes no interior de uma sociedade de tradição escrita, uma das possibilidades estratégicas mais comuns e eficazes de manipulação institucional de comportamentos são as narrativas orais que são transmitidas entre todos os membros e entre as gerações de um mesmo grupo. (HALBWACCS, 2006; FERREIRA NETTO, 2008). De fato, bastou que o primeiro autor deste artigo, durante sua estada entre o povo kujubim (detalhes descritos na Introdução deste artigo) estimulasse aos indígenas ali presentes a contação de histórias de seu povo para que narrativas de diversos tipos surtissem em suas mentes e se transformassem em abundantes e ricos relatos entre as quais o que elegemos como objeto de estudo deste artigo ("Os Três Caçadores e o Mistério da Mata" (seção 3). Waldemar Ferreira Netto (2008) assegura-nos que "fenômenos típicos tanto da memória implícita" (lembança consciente de episódios passados) quanto da memória explícita (influência de episódios passados no comportamento atual sem recuperação intencional e, algumas vezes, inconscientemente) estão nelas sempre disponíveis bastando para isso algum estímulo externo ou forma que desencadeie a sua lembrança automaticamente. Isso ocorre, segundo esse autor, porque "narrativa e memória" estão estreitamente imbricadas na "cultura" de um povo e "dentre as características mais notáveis da memória, está o fato de poder ser recuperada a partir de estímulos externos incidentes no corpo de seu portador". (FERREIRA NETTO, 2008)

Todavia, não podemos falar de "narrativa", "memória" e "cultura" sem mencionar o fenômeno identitário, que permeia essa trilogia e com a qual está também intimamente imbricado de tal forma que, podemos dizer agora, trata-se, na verdade, de uma tetralogia ou de um fenômeno conjuntural tetralógico no qual se amalgamam "identidade", "memória", "cultura" e "nar-

rativa". Como dissemos na seção 3, a própria identidade de uma pessoa é uma construção mosaica em cuja superfície emergem, inclusive nas "narrativas", aspectos sociais advindos da "memória", seja ela implícita ou explícita. E, em sendo uma construção social, a memória só podem existir dentro de uma "cultura", que inclui padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc., que distinguem um grupo social de outro. Da narrativa "Os Três Caçadores e o Mistério da Mata" (seção 3), podemos inferir fragmentos mnemônicos, identitários e culturais, tanto de seu narrador quanto do povo kujubiano, que ele representa, estando ali contidos, portanto, a tetralogia que mencionamos algumas linhas acima. De fato, ao ser estimulado a contar alguma história (aspecto narrativo) de seu povo, o narrador fez uso (de forma inconsciente, certamente) de sua identidade pessoal e étnica (aspecto identitário) e, através de sua capacidade cognitiva (FERREIRA NETTO, 2008), buscou em sua "memória individual e coletiva" (aspecto mnemônico) informações oriundas de sua "rede" de conhecimentos sociais (aspectos culturais coletivos), ou seja, algum "fato institucional memorizado total ou parcialmente" por todos os indivíduos, que "pertencem e sustentam a identidade do seu grupo" e com o qual ele, o narrador, mantém o sentido de pertença.

Entretanto, ao fazer uso de sua capacidade cognitiva e expressiva, sua memória sofreu as consequências de suas restrições. É que para manifestá-la publicamente o narrador, como ocorre com qualquer ser humano, necessitou do aparato físico "na forma de linguagens" dentre as quais "a língua é uma das que melhor proporciona a sua exteriorização" (FERREIRA NETTO, 2008). Além disso, como membro de uma comunidade (GELNER, 1992, p. 38-64), ainda prioritariamente de tradição oral, ele fez uso, como já dissemos, de sua memória individual através de uma narrativa oral, uma das possibilidades estratégicas mais comuns e eficazes de manipulação insti-

tucional de comportamentos, que são transmitidas "entre todos os membros e entre as gerações de um mesmo grupo."

Do ponto de vista macrocoletivo e cultural, a história de "Os Três Caçadores e o Mistério da Mata" retrata, de forma objetiva, o papel do "Pai da Mata" ou do "Pai do Mato", personagem das narrativas tradicionais ameríndias de quase todo o Brasil e, a partir, delas, disseminadas por todo o Nordeste brasileiro e grande parte do território amazônico.

De acordo com Vegini et al. (2014, p. 70-72), narrativas que têm como personagem central o "Pai da Mata" podem ser encontradas na família Tupi (entre os Puruborá de Rondônia, por exemplo), no tronco Macro-Jê (entre os Cariri do sertão nordestino, por exemplo), na família Aruaque (entre os Pareci do Mato Grosso e Rondônia, por exemplo) e na família txapacura (entre os miguelenos e os kujubins de Rondônia, por exemplo). Para os ameríndios, sobretudo, a missão primordial dessa narrativa é descrever a personagem "Pai da Mata" como um "extremado defensor da fauna e flora" (VEGINI et al., 2014, p. 71) e deixar muito claro, portanto, a todos os que tentarem degradar, destruir ou estragar o equilíbrio das relações humanas e o meio ambiente sofrerão as consequências de seus atos insanos.

No caso da narrativa que estamos analisando, a misteriosa personagem "Pai da Mata" toma a forma humana para exercer essa sua missão milenar, conforme mostram os trechos a seguir, extraídos do relato apresentado na seção 4.

– Rapaz, ué, ... rapaz, olha aí! Nós somos só três caçadores e agora apareceu mais um aqui. Agora nós somos quatro?! (l. 18-19)

Mas, nessa hora, o sujeito desconhecido falou assim:

– Eu também quero um cigarro. (l. 34-35)

Rapaz, isso aí não está certo, não, o que é isso, quem é esse sujeito aí? (l. 43)

O desconhecido, muito menor que os três caçadores, mas de voz grossa, implorou:

– Rapaz, eu quero fogo também! (l. 57-59)

Cadê o desconhecido? – perguntou o terceiro. (l. 74)

[.....] E quando já estavam bem longe, ouviram o grito do desconhecido:

– Rapaz, me esperem aí. Aonde vocês estão indo? Esperem por mim, esperem por mim! (l. 83-86)

– Rapaz – relatou o terceiro – a gente estava lá dentro do mato e eu não sei o que aconteceu porque nós éramos somente três, mas apareceu uma quarta pessoa (l. 91-92)

– Acho que o desconhecido carregou nosso amigo lá pra casa dele – imaginou o terceiro. (l. 113-4)

– Rapaz, sei não, mas eu acho que nosso amigo foi levado pelo desconhecido lá pra outro canto – falou um outro que estava ajudando os dois caçadores. (l. 126-127)

– Não, não me deu medo, não. Eu estava com as carnes todas moles assim. Eu não podia ficar em pé. Ele me colocava em pé e eu caía de novo. Só que ele não falava comigo. Mas aí ele foi e falou, só uma palavra que ele falou:

– "Você não aguenta sair da mata?"

– Ele assim, sem... sem conseguir falar direito né! A língua dele pesou, tudo ficou assim e ele falou de novo:

– "Como você não consegue sair da mata, eu vou te levar."
(l. 137-143)

– "Eu, eu faço a bondade para as pessoas, mas olhe, mas só que eu não gosto que os homens ficam maltratando meus animais. Eu gosto que eles vêm pro mato, que cacem, matem e comam. Não gosto que só atirem, sem precisão!"

Aí me botou nas costas e óh (sinal correndo), e caminhando me trouxe até aqui pra casa. E em seguida, ele foi embora. (l. 145-9)

Como podemos observar, a narrativa do grupo étnico *cujubim*, expressa pelo informante voluntário e anônimo, é, até onde chega nosso conhecimento, *idiossincrática* porque, além de mostrar um protagonista "Pai da Mata" com características psicofísicas e comportamentais humanas, ele cumpre sua missão de "extremado defensor da fauna e flora" (VEGINI et al., 2014, p. 71), mas age, pelo menos nesta narrativa, com invejável lição de humanidade aos humanos: no lugar do revide, da vingança, da violência e da maldade (Quadro 01, abaixo), a compaixão, o afeto, a atenção, o cuidado, o perdão e a solidariedade (Quadro 02, abaixo); logo ele que fora vítima de extrema violência e tentativa de assassinato.

Quadro 01 – A tentativa de assassinato:

Imediatamente, o primeiro gritou:

– Mete fogo nele!

Levantando-se armado e apressado, o segundo gritou:

– Lá vai fogo!!! Tammmmmmm!!!!

Tudo ao redor ficou preto de fumaça.

– Rapaz, você matou? Será que você matou? Será? – perguntou desesperado o terceiro.

– Sei não, só sei que dei um tiro nele!!! – sentenciou o segundo.

– Agora vamos ver o que aconteceu – disseram quase que ao mesmo tempo os três caçadores corajosos!

Esparramaram a fumaça com as mãos e chegaram no ouvido do desconhecido e *Tummmmmmm!!!!* Atiraram por cima. E novamente tudo ficou coberto pela fumaça, tudo. Deixaram clarear, e a fumaça foi limpando, limpou tudo! (l. 60-73)

Quadro 02 – O perdão, a compaixão e a solidariedade:

– "Como você não consegue sair da mata, eu vou te levar."

E acrescentou:

– "Eu, eu faço a bondade para as pessoas, mas olhe, mas só que eu não gosto que os homens ficam maltratando meus animais. Eu gosto que eles vêm pro mato, que cacem, matem e comam. Não gosto que só atirem, sem precisão!"

Aí me botou nas costas e óh (sinal correndo), e caminhando me trouxe até aqui pra casa. (l. 143-149)

7. Considerações finais

Na Introdução deste artigo, estabelecemos como objetivo

analisar alguns aspectos que emergem da narrativa da cultura cububiniense intitulada "Os Três Caçadores e os Mistérios da Mata", especialmente aqueles relacionados à memória (individual e coletiva), à identidade, à cultura e à natureza da narrativa como genuína manifestação do pensamento narrativo.

Coletada em trabalho de campo pelo primeiro autor deste artigo, a narrativa foi transcrita pela segunda autora e organizada na forma que apresentamos na seção 4 por ambos os autores. A análise foi realizada à luz de autores referenciados nas Seções 2 e 3, que tratam dos aspectos mencionados no objetivo. Do cotejamento entre a teoria e *corpus* de análise foram emitidas considerações quanto aos aspectos cognitivos do pen-

samento narrativo e aos aspectos mnemônicos, identitários e culturais que assim resumimos:

a) Aspectos cognitivos do pensamento narrativo

A narrativa "Os Três Caçadores e os Mistérios da Mata" é um modelo exemplar de cognição mental narrativa; ela apresenta "verossimilhança" porque trata de "ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam o seu curso"; seu autor e o conteúdo do seu relato não têm preocupação em estabelecer provas formais empíricas para se chegar a uma possível verdade em relação àquilo que está narrando porque essa não é a função do pensamento narrativo; semelhante à vida, os eventos ou fatos apresentados no decorrer da história oscilam entre o bem e o mal, entre o lógico e o ilógico, sem nem sempre dar certo, ou dar certo quando menos se espera, como, afinal, a vida é.

b) Aspectos mnemônicos, identitários e culturais

Como diz a teoria, dentre as características mais notáveis da memória está o fato de poder ser recuperada a partir de estímulos externos incidentes no corpo de seu portador. Por isso, bastou que o primeiro autor deste artigo estimulasse a contação de histórias do povo kujubim para que narrativas de diversos tipos surgissem em suas mentes e se transformassem em abundantes e ricos relatos entre as quais o que elegemos como objeto de estudo deste artigo. Na realidade, narrativas, memória, identidade e cultura estão intimamente imbricadas ou amalgamadas. A própria identidade de uma pessoa é uma construção mosaica em cuja superfície verbal, na forma de narrativas, inclusive, emergem aspectos sociais do grupo étnico armazenados na memória a que pertence cada indivíduo e se refletem na cultura por meio de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. A história dos "Três Caçadores e o Mistério da Mata" retrata, de forma objetiva, o

papel da personagem "Pai da Mata" como um extremado defensor da fauna e flora de tal forma que, a todos os que tentam destruir o equilíbrio das relações humanas e o meio ambiente, sofrerão consequências punitivas. Surgindo no meio da mata na forma humana, sua ação na narrativa vai além de um seu defensor e nos dá uma apreciável lição de humanidade onde não faltam compaixão, atenção, cuidado, perdão e a solidariedade.

Por fim, como se trata de um trabalho de cunho hermenêutico, interpretações diferentes das nossas certamente são bem-vindas e mesmo necessárias. Por conta disso, os autores deste artigo conclamam outros estudiosos, linguistas ou não linguistas, para analisarem a narrativa cujubiniana e enriquecerem o acervo científico que trata desse assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

BRUNER, Jerome Seymour. *Realidade mental: mundos possíveis*. Trad.: Marcos Antônio Guirado Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CIMI. Disponível em: <www.cimi.org.br/site/pt-br>. Acesso em: 21-09-2016.

FERREIRA NETTO, Waldemar. *Tradição oral e produção de narrativas*. São Paulo: Paulistana, 2008.

FORTE Príncipe da Beira. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Real_Forte_Pr%C3%ADncipe_da_Beira>. Acesso em: 13-09-2016.

FUNAI. *Ata da assembleia do povo cujubim*. Costa Marques, 13-12-2013.

GELLNER, Ernest. *El arado, la espada y el libro: la estructura de la historia humana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

ITOMANAS. Disponível em:

<https://es.wikipedia.org/wiki/R%C3%ADo_Itonomas>.

Acesso em: 14-09-2016.

KUJUBIM. *Indígenas do Brasil*. Disponível em:

<<http://brasil.antropos.org.uk/ethnic-profiles/profiles-k/254-173-kujubim.html>>. Acesso em: 13-09-2016.

LEIS de Arthur Clarke. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis_de_Clarke>. Acesso em: 20-11-2016.

QUINE, Willard Van Orman. Review of Nelson Goodman's *Ways of Worldmaking*. *New York Review of Books*, n. 25, p. 23-11-1978.

RICOEUR, Paul. *Time and Narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SESAI – Secretaria Especial da Saúde Indígena. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/secretaria-sesai>>. Acesso em: 5-09-2016.

SEASI – Sistemas de Informações da Atenção à Saúde Indígena. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n4/12.pdf>>. Acesso em: 25-09-2016.

SOUZA, Augusto Fausto de. Fortificações no Brasil. *RIHGB*. Rio de Janeiro: Tomo XLVIII, Parte II, p. 5-140, 1985.

VEGINI, Valdir. Wainiam, puruborá e kujubim/kutruye: povo, cultura e tradição – um relato experiencial. *Revista Sustentabilidade Organizacional*, vol. 3, n. 1, fev./2016-jul. 2016.

_____; VEGINI, Rebecca Louize; FERREIRA NETTO, Waldemar. *O monstruoso Mapinguari pan-amazônico: uma sucessão de adaptações aloindígenas*. Porto Velho: Temática, 2014. Disponível em:

<http://www.dlv.unir.br/uploads/30303030/publicacoes%20e%20documentos/artigo%20pos%20doutorado%20valdir.pdf>.